

# **AFINAL, O QUE É SUSTENTABILIDADE?**

*Luiz Fernando de Araújo Bueno*

## **RESUMO**

O tema não é propriamente novo, mas ganhou extraordinária projeção desde a última década, sendo discussão obrigatória nos vários fóruns econômicos e socioambientais. Mais que modelos, o importante é discutirmos aspectos gerais da Nova Economia e os impactos que geramos para o planeta ao ritmo em que estamos nos movendo. A base deste capítulo são artigos que produzi abordando isoladamente os eixos da sustentabilidade, mas, a convite da professora Solimar, tenho a honra de condensar o pensamento e oferecer aqui uma visão um pouco mais ampla do dia a dia, até para incentivar leitores a buscarem mais informações e pesquisarem as questões que vão surgindo. Afinal, o planeta é de todos, o meio ambiente está no meio de nós e, se cada um der uma contribuição, por menor que seja, teremos feito bastante.

**Palavras-chave:** responsabilidade social; gestão responsável; ESG; economia circular; meio ambiente.

## INTRODUÇÃO

Em um espectro mais amplo, cabe perguntar inicialmente: afinal, o que é sustentabilidade? O que isso tem a ver com ética, marketing, ESG, gente, consumo consciente, meio ambiente, tecnologia, educação e educação a distância (EaD)?

Após 5/2/2007, com a divulgação do relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), cuidadosamente elaborado por seiscentos cientistas de 113 países, o tema “sustentabilidade e responsabilidade social” tem sido muito comentado, mas pouco conhecido.

Estabelecido em 1998 pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), o IPCC avalia de forma direta as informações científicas, técnicas e socioeconômicas relevantes para entender os riscos da mudança climática causada pela ação humana, seus potenciais impactos e opções para adaptação e mitigação.

Em 30/3/2014, divulgou-se novo relatório, de forma nada animadora. Ainda teremos de trabalhar muito para a sua disseminação, tanto em nível empresarial como individual. Em primeiro lugar, precisaremos nos enxergar como consumidores, sabendo que não existe consumo sem impacto. De uma maneira bem simples, podemos dizer que responsabilidade social significa nos preocuparmos efetivamente com os impactos e as atividades no nosso entorno. Esses impactos podem ser positivos e negativos e estar relacionados a questões sociais, econômicas, ambientais e culturais. Já o entorno significa os públicos relacionados e de interesse (*stakeholders*), ou atores com os quais interagimos:

- fornecedores de capital: acionistas, investidores e financiadores;
- direção: conselheiros, gestores, organizações parceiras;
- instituições governamentais: governos nas três esferas, ministério público e outros, políticas públicas, leis, normas;
- instituições e associações do mercado: certificações, códigos;
- concorrência: boas práticas de mercado;
- sociedade em geral: relações com a comunidade;
- trabalhadores: trabalho qualificado e não qualificado;
- bens e serviços, insumos e subprodutos: responsabilidade com a qualidade;
- clientes e consumidores;
- influenciadores: indivíduos, grupos organizados, comunidades do entorno;

no, ativistas e grupos hostis;

- organizações representativas, políticas, filantrópicas e comunitárias; e
- movimentos sociais, ambientalistas, políticos e culturais.

Basicamente, esse é o conceito de responsabilidade social empresarial (RSE): relacionar-se com todos os públicos de maneira ética e sustentável. Esse conceito fundamental foi criado para ajudar as empresas a integrarem voluntariamente preocupações sociais e ecológicas nas suas atividades de negócio e relações com os *stakeholders*. O conceito apresentado pela Comissão Europeia expõe o caráter voluntário adotado na ideia da responsabilidade social, ou seja, as empresas devem fazê-lo por iniciativa própria. O QR Code a seguir leva ao documento que deu origem, na União Europeia, ao trato da responsabilidade social das empresas: uma nova estratégia da UE para o período de 2011-2014.



## 1. PAPEL DAS EMPRESAS NA RESPONSABILIDADE SOCIAL

Vamos entender melhor o papel das empresas nos três campos que tratam a responsabilidade social, quais sejam: social, ambiental e econômico.

### 1.1. Campo social das empresas

Toda empresa tem papel social? Em que empresa você trabalha? De que empresa você compra? Que empresa você contrata? Em síntese, qual a função social dessas empresas?

#### 1.1.2. Público interno

As premissas básicas que podem ser detalhadas dentro de uma Política de Responsabilidade Social são:

- agregar valor ao trabalho desenvolvido pelo indivíduo;
- valorizar o ser humano e sua dignidade, ou seja, capital humano;
- ter uma gestão justa, transparência nas relações e decisões e igualdade de oportunidades;
- primar por uma boa comunicação e ter coerência nas atitudes;

- ter um ambiente ético;
- valorizar a diversidade; e
- preocupar-se com a qualidade de vida de seus colaboradores e o clima organizacional, desenvolvendo e retendo talentos.

### 1.1.3. Público externo

Ter um bom relacionamento com as comunidades do entorno e contemplar suas prioridades no planejamento estratégico da empresa, via ações sociais e investimento social privado, como:

- dar apoio financeiro a projetos sociais;
- praticar o assistencialismo e a filantropia quando as causas forem nobres e pontuais;
- cobrar/fomentar reciprocidade de seus fornecedores;
- exigir coerência ética de toda cadeia de fornecedores; e
- dar e cobrar contrapartida dos poderes públicos.

### 1.2. Campo ambiental

Ações importantes que as empresas podem fomentar no campo ambiental:

- valorizar o meio ambiente;
- reciclar e incentivar a reciclagem com todos os públicos com os quais têm relacionamento;
- desenvolver uma estratégia de longo prazo e disseminá-la interna e externamente;
- cumprir e fazer cumprir a legislação ambiental;
- estabelecer um programa interno de uso racional de recursos hídricos e de fontes alternativas; e
- estimular um programa educacional de eficiência energética para colaboradores/multiplicadores; entre outros.

### 1.3. Campo econômico

De forma bem sintética, o objetivo primordial de uma empresa é gerar riquezas, criando empregos e remunerando adequadamente seus acionistas, além de buscar constantemente a qualidade de produtos e serviços. É importante também que as empresas criem e cumpram uma agenda de desenvolvimento e conduta ética.

## 2. INSTITUIÇÕES RELEVANTES PARA A RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL

Para aprofundamento do tema, sugiro algumas organizações com iniciativas relevantes nos campos da sustentabilidade e da responsabilidade empresarial que podem ser conhecidos nos QR Codes a seguir.

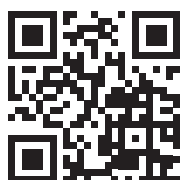
Centro de Estudos da Sustentabilidade da Fundação Getulio Vargas:



Instituto Akatu pelo Consumo Consciente:



Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC):



Etco – Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial:



Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social:



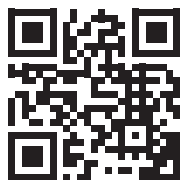
Nações Unidas para o Pacto Global:



*Global Reporting Initiative* – Iniciativa Global de Informação:



*World Business Council for Sustainable Development* – Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável:



### 3. SUSTENTABILIDADE NA PRÁTICA

Sustentabilidade na estratégia das empresas é fundamental e tem sido o nosso mote, para que não tenhamos apenas pautas de projetos que não geram quaisquer valores para todos os atores com os quais essas empresas se relacionam, os *stakeholders*.

No primeiro semestre de 2020, em meio à pandemia do coronavírus, recebemos na sede do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo Campinas (Ciesp Campinas), de forma virtual, profissionais especializados em diversos temas ligados à sustentabilidade, como Sônia Consiglio (LinkedIn Top Voice Sustentabilidade, conselheira de administração, especialista em sustentabilidade e colunista do Valor Investe) e Ricardo Voltolini (fundador e CEO da Ideia Sustentável e da Plataforma Liderança com Valores, cofundador de Net Zero, consultor Master ESG, entre outras atividades). Ambos trataram das abordagens “Sustentabilidade, uma agenda estratégica e inadiável” e “Tendências em Sustentabilidade pós-Covid-19”, respectivamente.

No segundo semestre do mesmo ano, ainda sob forte pandemia, entrou em cena na mídia, com destaque, o conceito ESG – sigla em inglês para o tipo de ações que as empresas precisam adotar nos campos ambiental, social e governança. Ora, até então, no mercado corporativo, o tema sustentabilidade era vinculado ao *triple bottom line*, conhecido como os três pilares da sustentabilidade, consubstanciados em econômico, ambiental e social, enquanto no setor bancário a terminologia se restringia a risco socioambiental.

Não somente esses entrevistados, mas muitos empresários e articulistas deixaram de falar em sustentabilidade e passaram a falar em ESG.

“A saída da crise do novo coronavírus e a retomada da economia não serão tarefas simples”, na visão de Larry Fink, presidente da maior gestora de fundos de investimentos do mundo, BlackRock. Em uma *live* realizada com Sergio Rial, presidente do Santander Brasil, na tarde do dia 14/5/2020, Fink afirmou que a

sustentabilidade deverá estar na estratégia das empresas e que ESG seria o balizador para investimentos da sua gestora de fundos.

Começamos a observar, como consultores que somos, que muitas empresas buscaram providenciar seus relatos integrados como forma de captação de recursos pela Bolsa de Valores por meio de IPO (*initial public offering*, ou oferta pública inicial), quando as empresas começam a vender suas ações ao público externo.

Em linguagem popular, uma vez mais verificamos que o órgão mais sensível do ser humano – o bolso – começou a se manifestar sem perda de tempo. Curioso, não?

O que mudou, afinal? Pela minha leitura, absolutamente nada. Temos na sustentabilidade a ideia do equilíbrio entre o econômico, o social e o ambiental e, na sua base, ética, transparência, respeito à diversidade e boa governança corporativa. O que difere de ESG? Por que só agora a ficha caiu? Foi o bolso mesmo? É para refletirmos.

#### 4. ÉTICA, EDUCAÇÃO E CONSUMO CONSCIENTE

Certa vez, como diretor de sustentabilidade do Ciesp Campinas, convidei o professor Carlos Sebastião Andriani para falar em uma plenária sobre educação para sustentabilidade. Ele, por mais de uma hora, falou sobre educação em valores.

Também me recomendou tratar desse tema dentro da Casa da Indústria e me disse: “Bueno, as academias estão disponibilizando para o mercado caminhões e caminhões de alunos que estão indo para as empresas se dar bem, custe o que custar, isto é, sem ética, sem princípios e sem valores”.

Qual era a sua preocupação à época? Formar líderes cuja base de tomadas de decisões cotidianas seja a ética, a transparência, a boa governança corporativa e o respeito à diversidade. Líderes que atuem no modelo ganha-ganha nos aspectos econômicos, sociais e ambientais.

Em seu texto “Treinamento ou educação, qual o ponto de partida? Papel da escola infantil”, o professor Andriani ressalta que a causa primária ou causa raiz de corrupção, violência, roubos, ou seja, das mazelas da nossa sociedade, está vinculada diretamente ao caráter, aos valores do indivíduo; e que, de dez jovens demitidos pelas empresas, nove o foram por atitudes cujas origens se encontram na conduta negativa, nos valores da pessoa. Esses dados não podem ser ignorados.

Um provérbio africano diz: “O mundo que temos hoje nas mãos não nos foi dado pelos nossos pais. Ele nos foi emprestado pelos nossos filhos”. Isso significa



que cada geração deve legar às gerações vindouras um meio ambiente igual ou melhor do que aquele recebido das gerações precedentes, conforme preconiza a Organização das Nações Unidas (ONU).

Ou, como diz o ambientalista Claudio Valadares, “O homem no vermelho não protege o verde”. Por isso, a grande meta que sintetiza esse esforço é compartilhar transformação produtiva com equidade social e sustentabilidade ambiental. O Instituto Akatu assim define tal prática: “O consumo com consciência e voltado à sustentabilidade”. Essa é uma questão de cidadania, pois o consumo de muitas pessoas, mesmo por um curto período, faz muita diferença.

Na esteira das novas tecnologias, é importante contemplarmos o ensino a distância (EaD), pois, com ele, algumas mudanças começam a surgir no método tradicional de educação. Caminhamos para uma aproximação veloz entre os cursos presenciais (cada vez mais semipresenciais) e aqueles a distância. Não é raro hoje em dia falarmos sobre tecnologia, informação e comunicação (TIC) aplicadas à educação. As TIC são cada vez mais utilizadas, pois a sociedade hoje se estrutura em redes sem fronteiras, totalmente alicerçada em redes sociais e de relacionamento via web – a grande rede de comunicação que é a internet.

Está claro que a educação por meio de novas mídias conectadas é uma realidade cada vez mais presente e que evolui de forma irreversível. Nada será como antes, em qualquer nível de ensino. O método EaD precisa estar alinhado à sustentabilidade.

## 5. ENSINO A DISTÂNCIA

Vivemos diante de um paradoxo geral entre economia, educação, emprego, capacitação e forma de enxergar a relação trabalho *vs.* carreira. Valores que antigamente considerávamos importantes, como trabalhar até mais tarde e o sentimento de ser insubstituível, têm sido questionados pelas novas gerações. A discussão hoje passa por qualidade de vida e vida pessoal, estabelecendo equilíbrio entre os vários papéis que desempenhamos em nossas vidas.

Atualmente, na era da informação, estamos vivendo momentos em que sobram informações e falta tempo para administrá-las. O aperfeiçoamento em cursos profissionalizantes nos dá uma sustentabilidade maior para continuarmos guiando nossas carreiras. Quem vive em grandes metrópoles sabe o quanto é difícil a mobilidade urbana em meio a congestionamentos, gerando enorme perda de tempo.

Outro fator é a violência que a cada dia aumenta e nos torna inseguros e expostos a riscos. É exatamente nesse cenário que o EaD vem preenchendo uma grande lacuna. Há muito deixou de ser sinônimo de curso barato e de qualidade

duvidosa. O Brasil vive um momento de crescimento e organização, nas várias metodologias existentes (síncronas ou assíncronas), acadêmicas e corporativas.

Conheça, no QR Code a seguir, a Associação Brasileira de Educação a Distância (Abed):



Os estudantes da educação a distância já ultrapassaram o número de estudantes presenciais, números que mostram o importante instrumento de capacitação e qualificação profissional em massa e que obedece aos três eixos da sustentabilidade que o mercado corporativo tanto persegue, levando em conta os aspectos sociais, ambientais e econômicos.

Se comparado com o método tradicional, nos três aspectos, o EaD leva vantagem, sendo:

- ambiental: mobilidade urbana, com menos emissão de CO<sub>2</sub>, deslocamento, materiais indiretos etc.;
- social: inclusivo, pois garante que pessoas com dificuldades de mobilidade, seja por distância ou por incapacidade, consigam ter acesso a conteúdos e informações necessárias para seu aperfeiçoamento; e
- econômico: acessível e muito mais barato que os cursos tradicionais, também podem ser ofertados no próprio ambiente de trabalho, sem que o colaborador tenha que se deslocar ou se ausentar de seu posto.

Em síntese, é sob esta ótica que temos de enxergar a sustentabilidade, um conjunto de ações que visem a um ser humano melhor, mais capacitado, amigável com o ambiente e socialmente responsável e solidário, preparando facilidades para as próximas gerações, pois, afinal, é delas que emprestamos o planeta.

Com a pandemia, o EaD foi implantado de forma geral e o *home office* surgiu com força total. Hoje, as empresas enfrentam problemas para trazer seus colaboradores de volta para a planta e precisaram aprender a trabalhar de forma híbrida.

## 6. PRÁTICAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Para sairmos da teoria em direção à prática, disponibilizo, a seguir, QR Codes para que o leitor tenha acesso a casos de diversas empresas que tiveram problemas relacionados aos temas ligados ao ESG; assim, pode-se refletir sobre o que aconteceu com essas empresas após terem suas marcas prejudicadas por ações de irresponsabilidade social.

Banco Panamericano:



Enron:



Grupo EBX:



Lehman Brothers:



Parmalat:



Petrobras:



Shell:



Siemens:



Volkswagen:



WorldCom:



Após conhecer esses diversos casos em que companhias conhecidas e de sucesso tiveram sérios problemas de imagem pela insustentabilidade apresentada por suas administrações, recomendo a leitura do artigo que fala sobre lojas que fecharam as portas no Brasil. Trata-se de empresas que foram muito importantes em suas épocas de atuação e que já não existem mais, como Kolynos, Yopa, Mesbla e Jumbo Eletro, entre outras. Conheça esses casos apontando para o QR Code a seguir.



Para encerrarmos o capítulo, vamos conhecer também as empresas que fazem boas práticas de sustentabilidade. Fica a recomendação das melhores do ESG 2023 – Revista Exame.



Faça suas análises e suas comparações entre as ações de cada uma delas. Encerro este capítulo com a frase do filósofo americano Ralph Waldo Emerson: “Suas atitudes falam tão alto que não consigo escutar o que você diz”.

Faz sentido? Devo colocar a sustentabilidade na estratégia da empresa? Experimenta não colocar.